https://doi.org/10.20336/rbs.1087

Educação e insularidade de classes superiores em São Paulo e Barcelona

Education and insularity of upper classes in São Paulo and Barcelona

Educación e insularidad de las clases altas en São Paulo y Barcelona

Miqueli Michetti[*]

Edison Ricardo Emiliano Bertoncelo[**]

RESUMO

O artigo analisa a interseção entre espaço social, espaço simbólico e espaço geográfico nas cidades de São Paulo e Barcelona. Como base empírica, toma a escolarização enquanto elemento chave do espaço simbólico, com foco nas classes superiores do espaço social. Por meio da análise de dados sobre as duas cidades e seus respectivos sistemas educativos, explora o fenômeno da "educação internacional" para apreender dinâmicas de auto agregação e segregação de classes superiores em determinadas regiões, operando metodologicamente a partir do nível distrital de ambos os municípios. Além de apontar que a existência de espaços insulares é um fenômeno que pode ser observado em cidades com níveis diferentes de desigualdade, não apenas em contextos muito desiguais, o trabalho contribui para a compreensão de dinâmicas atuais de formação de fronteiras e insularidade social.

Palavras-chave: classes superiores, cidades, educação internacional, insularidade social, fronteiras sociais

[*] Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil
Professora adjunta no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

[**] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

The article investigates the intersection between social space, symbolic space and geographical space in the cities of São Paulo and Barcelona. Empirically, it takes schooling as the central element of the symbolic space, with special emphasis on the upper classes in social space. Based on the analysis of data of the two cities and their respective educational systems, it explores the phenomenon of "international education" to capture the dynamics of upper classes (self)aggregation and segregation in certain areas, operating methodologically on the level of districts in both cities. Besides pointing out the existence of insular spaces in very different contexts, with different levels of inequality, the work contributes to the understanding of the formation of social boundaries and insularity.

Keywords: upper classes, cities, international education, social insularity, social boundaries

RESUMEN

El artículo investiga la intersección entre espacio social, espacio simbólico y espacio geográfico en las ciudades de São Paulo y Barcelona. Empíricamente, toma la escolarización como elemento central del espacio simbólico, con especial énfasis en las clases altas del espacio social. A partir del análisis de datos de las dos ciudades y de sus respectivos sistemas educativos, explora el fenómeno de la "educación internacional" para captar las dinámicas de (auto)agregación y segregación de las clases altas en determinadas áreas, operando metodológicamente a nivel de distritos en ambas ciudades. Además de señalar la existencia de espacios insulares en contextos muy diferentes, con distintos niveles de desigualdad, el trabajo contribuye a la comprensión de la formación de las fronteras sociales y la insularidad.

Palabras clave: clases altas, ciudades, educación internacional, insularidad social, fronteras sociales

Introdução

Este artigo analisa a interseção entre espaço social, espaço simbólico e espaço geográfico (Bourdieu, 2013). Debruça-se sobre a relação entre classes sociais, definidas de maneira multidimensional e relacional (Atkinson, 2017), e espaço urbano, interessando-se particularmente pelas posições superiores da estratificação social, tendo como enquadramento geográfico as cidades de São Paulo, no Brasil, e Barcelona, na Espanha, e tomando por objeto empírico a chamada "educação de elite" [1], em especial as chamadas escolas internacionais. A partir de uma perspectiva comparativa, que se fundamenta no contraste entre diferenças para apontar semelhanças no que se refere à autoagregação e segregação de classes superiores no tecido urbano, elege duas cidades bastante diferentes, tanto em suas dimensões físicas, demográficas e indicadores socioeconômicos, quanto em seus níveis de desigualdade. A despeito de todas essas diferenças, uma semelhança se destaca quando investigamos a relação entre as classes superiores e a cidade: sua segregação, padrões de evitação e a vivência do que chamamos de cotidianos insulares.

Tal argumento é relevante porque, quando se pensa segregação social e urbana, o mais comum é que se evoquem as classes desfavorecidas, a exclusão dos mais vulneráveis, objeto de estudos no Brasil (Caldeira, 2000; Marques, 2015) e no mundo (Wacquant, 2001; Blanco & Subirats, 2008; Blanco & Gomà, 2022). Entretanto, um aspecto também importante é a segregação de indivíduos, famílias, grupos e frações de classe com posições sociais que concentram capitais de vários tipos e que atuam no tecido social e urbano a partir de tal concentração (Oberti, 2020; Marques & França, 2020; Préteceille & Cardoso, 2020). A segregação das classes superiores tem sido apontada há algum tempo pela literatura nacional, como, para citar um exemplo já do século passado, no trabalho de Teresa Caldeira (1997). Mais recentemente, Eduardo Marques (2015, p. 184) afirma que "a metrópole paulistana é segregada, em especial no que diz respeito às classes superiores" e que, ao longo da década dos 2000, tal segregação teria, inclusive, aumentado. Esse fenômeno não se restringe ao Brasil (Atkinson & Flint, 2004; Pinçon & Pinçon-Charlot, 2007a, 2007b, 2014; Musterd *et al.*, 2017; Pereira, 2018;

[1] Pesquisas internacionais sobre as estratégias educativas de frações superiores da estratificação, em especial quando abordam o tema da internacionalização, empregam com frequência o termo "educação de elite", conforme se pode notar na lista de referências ao final do artigo.

Méndez & Gayo, 2019; Gamsu, 2019) e, por aqui, não se reserva à metrópole paulista (Ribeiro *et al.*, 2015; Arantes, 2021). É inegável, contudo, que São Paulo dá a ver de forma bastante heurística esse processo, como bem indica, em termos mais macroanalíticos, o trabalho de Raquel Rolnik (2021).

Já sobre a segregação dos mais ricos em Barcelona existe uma lacuna. Ainda que trabalhos como os de Blanco & Gomá (2022) e Blanco & Nel. lo (2018) apontem que na cidade catalã a concentração residencial da população com mais recursos se dê, em algumas áreas, inclusive com mais intensidade do que a de menos recursos, tal como ocorre em outras grandes cidades europeias (Tammaru *et al.*, 2016; Musterd et al, 2017; Van Ham *et al.*, 2021), as pesquisas focam prioritariamente a segregação e a exclusão dos mais pobres (Blanco & Subirats, 2008; Blanco & Nel.lo, 2018; Blanco & Gomà, 2022) e pouco se reflete sobre o lugar dos mais ricos na tessitura urbana. Isso não significa que a segregação das classes superiores não exista e que ela não tenha consequências. Importa destacar que a capital catalã é percebida mundialmente como um modelo de urbanismo exitoso, inclusive no que tange aos esforços de diminuição da desigualdade (Blanco, 2009).

Diante disso, apesar de serem cidades com níveis bastante diferentes de desigualdades, tanto em São Paulo quanto em Barcelona a autoexclusão e a segregação das classes superiores é um fenômeno notável. Seus espaços são "protegidos" ora por muros, catracas, aparato público e/ou privado de segurança, ora pelo "*sense of one's place*" – uma das expressões que Bourdieu utiliza para esclarecer o conceito de *habitus* (Bourdieu, 2007) –, frequentemente por ambos. Assim, dedicamo-nos a compreender algumas dimensões dessa segregação a partir do âmbito educacional, em particular a esfera da educação básica, atinente à formação das novas gerações dos grupos dominantes. Nessa direção, investigamos a homologia entre posição social e local da escola, destacando a concentração geográfica de "escolas de elite", em especial escolas internacionais, em ambas as cidades.

A metodologia da pesquisa foi multissituada e se desenvolveu em várias frentes. A primeira delas foi composta por uma pesquisa de campo exploratória, na cidade de Barcelona, que consistiu em observação direta em diferentes distritos da cidade, incluindo também entornos escolares e algumas escolas, e permitiu identificar inicialmente quais os espaços habitados cotidianamente pelas classes superiores da cidade. A segunda consistiu em pesquisa documental, ainda sobre Barcelona, e teve por

corpus sites de imobiliárias, plataformas de anúncios, *sites* de escolas e da *International Baccalaureate Organization* (IBO), bem como dados municipais sobre demografia, renda, escolaridade, ocupação, expectativa de vida, oferta escolar, entre outros. Já os dados sobre São Paulo são oriundos de duas fontes principais. Uma delas é a pesquisa de Michetti (2022) e Michetti e Nicolau Netto (2023) sobre a relação entre frações de classe e a educação internacional na cidade de São Paulo. A outra são estudos sobre as intersecções entre o espaço social e o espaço urbano conduzidos no âmbito do Projeto Temático Fapesp "Para além d'A Distinção: gostos, práticas culturais e classe em São Paulo",[2] que utilizaram diversas bases de dados secundárias, especialmente o Censo de 2010, várias edições do Censo Escolar e registros de propriedades imobiliárias da cidade de São Paulo. A realização de tais pesquisas, inicialmente paralelas, nas e sobre as duas cidades, permitiu-nos perceber semelhanças e especificidades que motivaram este artigo.

A seguir, o texto apresenta os enquadramentos teóricos e conceituais mobilizados para investigar empiricamente a relação entre os espaços social (o espaço dos capitais), simbólico (no caso, educativo) e urbano nas cidades de São Paulo e Barcelona. Na sequência, discutimos as intersecções entre aspectos da segregação urbana e da segregação escolar, com ênfase na relação entre a distribuição das "escolas de elite", em especial internacionais, e a distribuição dos estratos superiores pelos territórios das duas cidades. Na última seção, apresentamos as principais conclusões do texto.

Enquadramentos conceituais e teóricos

Com Bourdieu, e seguindo as atualizações de Atkinson (2017), pensamos as classes como "realidades" de múltiplas variáveis que se definem relacionalmente no "espaço social". Por serem definidas a partir da concentração diferencial de vários tipos de capitais, as diferentes regiões do espaço social delineiam distintas frações de classe a depender do volume e da estrutura de capitais. Por concentrarem capitais relevantes, algumas posições detêm condições privilegiadas de agência (Boltanski, 2009). A tais propriedades objetivas dos agentes, soma-se a incorporação de posições dominantes sob a forma de classificações, disposições e valores

[2] Mais informações em https://csc.ifch.unicamp.br/grupo/15.

(Denord, Palme & Réau, 2020), processo que se dá através de experiências em instituições como famílias, escolas, clubes, redes (Khan, 2011). Outro aspecto importante dessa definição é que, por estarmos diante de classificações relacionais, é o próprio universo dos "dominantes" que define suas fronteiras (Pinçon & Pinçon-Charlot, 2007; Saint-Martin, 2008), que são sociais, simbólicas e, também, físicas, geográficas.

Recentemente, a teoria sociológica de Pierre Bourdieu tem sido mobilizada como fundamento de pesquisas sobre a cidade (Rosenlund, 2009; Savage, 2011, 2021; Pereira, 2013; Wacquant, 2018, 2023). Tais trabalhos se ancoram na ideia de que, para Bourdieu (2013, p.133-136), o espaço social tende a se realizar no espaço físico, de modo que o espaço habitado ou apropriado funcionaria como uma metáfora do espaço social, que, por sua vez, tende a se retraduzir no espaço físico sob a forma da distribuição de agentes e propriedades. Logo, o lugar ocupado por um agente no "espaço físico apropriado" seria um bom indicador de sua posição no espaço social. Mais que isso, parte da "inércia" do espaço social resultaria do fato de que suas estruturas se inscrevem no espaço físico e este constitui "uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem em sistemas de preferências e em estruturas mentais" (Bourdieu, 2013, p. 134).

Assim, a vinculação entre espaço social e espaço físico remete ainda ao espaço simbólico, isto é, propriedades objetivas (posições) se conjugam a tomadas de posição, as quais aparecem como escolhas e se ligam à construção de proximidades e distâncias tanto simbólicas quanto geográficas. É nesse sentido que Wacquant (2023) propõe pensar uma "trialética" entre essas dimensões. As posições diferenciais no espaço social tendem, portanto, a se transmutar em segregação, separação, formação de fronteiras (Wacquant, 2013), em dinâmicas de "clube" e "gueto" (Bourdieu, 2013; Wacquant, 2001, 2004; Pinçon & Pinçon-Charlot, 2007a). No que tange às elites, como indicam Boterman, Musterd e Manting (2021), os processos de "desafiliação" das classes mais altas se dão a ver no âmbito residencial (Tammaru *et al.*, 2016), mas também na esfera do trabalho, do lazer, do espaço público, dos meios de transporte e, também, da escolarização.

Diante disso, a noção de segregação é pertinente a este trabalho porque ela parte de uma concepção relacional das divisões do espaço urbano (Fol & Frouillou, 2023, p. 240). O termo permite dar conta de dinâmicas de concentração espacial e de agregação de agentes que compartilham

propriedades e afiliações sociais, e, no mesmo sentido, de separação espacial com relação a agentes com os quais não as compartilham.

A literatura sobre segregação de classes superiores tem empregado o termo autossegregação para sustentar que a separação das frações que concentram capitais é diferente da segregação experimentada pelos mais pobres, uma vez que aquela seria fruto de uma "escolha", ao passo que esta seria imposta, fruto da ausência de escolha (Corrêa, 1989; Silva, 2016; Arantes, 2021). O termo é especialmente mobilizado em pesquisas sobre "enclaves fortificados" (Caldeira, 1997), em particular condomínios fechados. Entretanto, embora tais dinâmicas de segregação tenham especificidades, é preciso atentar que a segregação urbana é resultado de uma combinação de vários processos (Oberti & Préteceille, 2016; Prunas, 2022; Fol & Frouillou, 2023), poucos dos quais ligados a escolhas. A esse respeito, é importante sublinhar que, de acordo com a lógica bourdieusiana das classes, mesmo quando falamos de "estratégias ligadas a posições sociais que indivíduos buscam defender ou fortalecer" (Fol & Frouillou, 2023, p. 253), não estamos necessariamente diante de escolhas voluntaristas, em tudo conscientes e intencionais, mas de estratégias estabelecidas para fazer frente a "horizontes de possíveis" condicionados por posições de classe. *La classe oblige*, sustenta o sociólogo francês.

Nessa direção, a segregação das frações superiores também ocorre pela combinação de fatores estruturais, políticas públicas e mecanismos institucionais, bem como estratégias individuais ou familiares, e estas ligam-se a dinâmicas sociais de agregação, no espaço geográfico, de agentes próximos no espaço social. Por isso, priorizamos o termo segregação também ao falar de tais posições. Se lançamos mão pontualmente dos termos autossegregação, autoagregação e autoexclusão, é para destacar o fato de que, por sua concentração de capitais, agentes em posições superiores têm condições facilitadas de estabelecer estratégias de reprodução de classe. Isso não significa que estamos diante de "escolhas" no sentido imputado a elas pela teoria da escolha racional, nem que inexistam estratégias em outras posições de classe, ainda que sob outras condições.

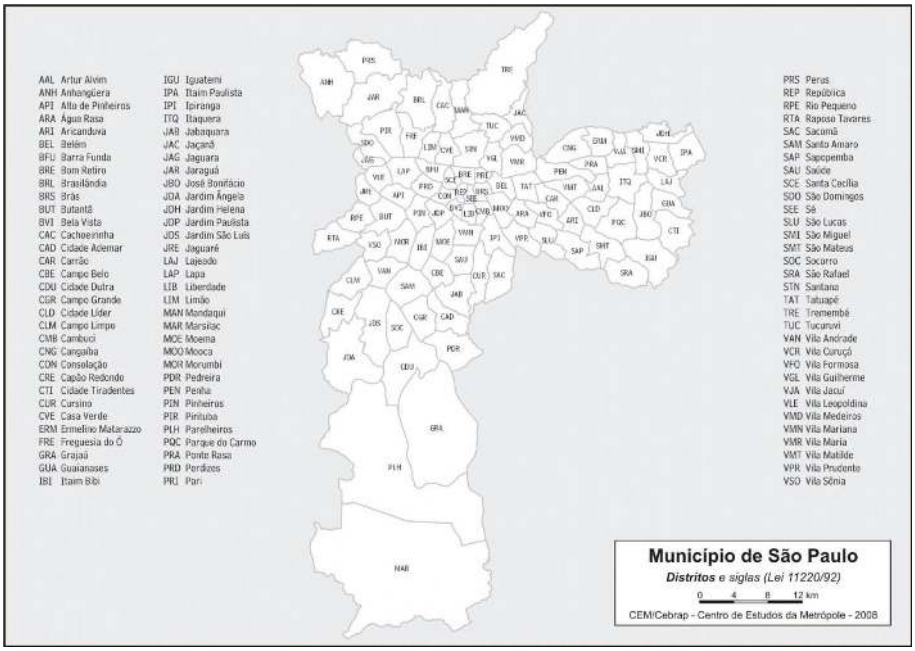
O espaço simbólico é decisivo às dinâmicas de agregação de semelhantes e, conseguintemente, de segregação com relação aos dissemelhantes. A dimensão da escolarização é um dos elementos do espaço simbólico, isto é, das tomadas de posição que são indicativas e, ao mesmo tempo, reprodutoras de posições de classe. Nesse sentido, é pertinente analisar a imbricação entre

classe, cidade e escola. Existe uma vasta literatura que, desde meados do século XX, aponta a relação entre educação e reprodução social. Recentemente, ela se desdobra em análises sobre "educação de elite", com destaque para o lugar da internacionalização das estratégias educativas de frações dominantes (Zanten et al, 2015; Maxwelll & Aggleton, 2016; Canêdo *et al.*, 2013; Michetti, 2019, 2022). Com esses olhos, miramos duas cidades diferentemente desiguais.

Classes superiores em São Paulo e Barcelona: cidades diferentemente desiguais

A cidade de São Paulo tem uma população de 11.451.245 habitantes[3], correspondente a aproximadamente 5,8% da população nacional, que se divide de modo desigual pelo território, concentrando-se em suas franjas norte, leste e sul.

Figura 1: Mapa dos distritos de São Paulo



Fonte: https://pt.map-of-sao-paulo.com/distritos-mapas/distritos-de-s%C3%A3o-paulo-mapa.

[3] Dado do censo demográfico de 2022.

Com seus 96 distritos, concentra 10,62% do PIB nacional,[4] sendo rica, dinâmica e marcada por profundas desigualdades. A desigualdade de renda, conforme medida pelo índice de Gini, era de 0.533 em 2017 (Feitosa et al, 2021). Enquanto a renda média familiar mensal da cidade de São Paulo corresponde a pouco mais de R$ 4,7 mil, no distrito de Alto Pinheiros esse índice tem mais que o dobro do valor (R$ 9.591,93) e é 44% menor em Lajeado (R$ 2.628,63).[5] No que se refere à educação, a proporção de indivíduos com ensino superior é maior do que 60% em distritos como Jardim Paulista e Consolação, mas não passa dos 5% em Parelheiros, São Rafael ou Perus.[6] O índice mais estarrecedor talvez seja o da idade média ao morrer. Enquanto a média da cidade é de 68,2 anos, em Alto de Pinheiros, corresponde a de 80,9 anos e, em Cidade Tiradentes, a 58,3, uma diferença de 22,6 anos entre o bairro mais longevo e aquele em que se morre mais precocemente.[7]

Tais características fizeram da cidade de São Paulo e de sua região metropolitana um objeto privilegiado de investigação empírica, especialmente a partir dos anos 1970 (Moya, 2011). De acordo com Rolnik (2022), já na passagem da ordem escravocrata para o trabalho livre, a classe trabalhadora vivia nas várzeas, em pensões ou em casas minúsculas de alta densidade entremeadas com a paisagem das fábricas. A classe dominante morava sobre as colinas, em casarões ajardinados, inicialmente em Campos Elíseos e, depois, em Higienópolis, na Avenida Paulista e nos Jardins. Em seguida, sua ocupação caminha na direção da Marginal Pinheiros e da zona sul, mas as alterações na morfologia são acompanhadas por uma grande continuidade do "padrão segregacionista".

Quanto às mudanças mais recentes nesse padrão de segregação, os principais estudos chegam a conclusões similares: as classes sociais superiores continuam a viver em bairros com melhores condições urbanas, localizados, em grande medida, na região do centro expandido da cidade de São Paulo ou em regiões próximas; a periferia, no entanto, mostra-se mais heterogênea, tanto em termos socioeconômicos quanto em termos de infraestrutura e de

---

[4] https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26397-pib-dacidade-de-sao-paulo-equivale-a-soma-de-4-305-municipios-brasileiros.

[5] Dados referentes a 2017 (https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS.pdf)

[6] A média da cidade é de pouco mais de 17%. Os dados se referem ao ano de 2017. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/educacao/index.php?p=260272.

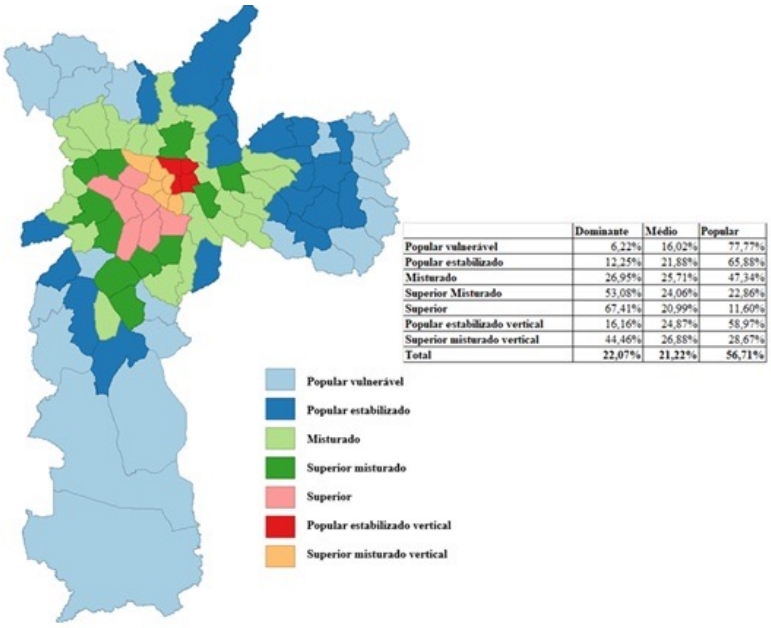
[7] https://www.nossasaopaulo.org.br/noticias-imprensa/idade-media-ao-morrer-em-sao-paulo-e-de-687-anos-veja-indice-no-seu-distrito/

condições urbanas (Pasternak & Bógus, 2019; Marques, 2015; Rolnik & Frúgoli, 2001; Feitosa *et al.*, 2021). Os espaços ocupados pelas classes superiores são socialmente exclusivos ou homogêneos – e há uma tendência de reprodução desse padrão excludente que alguns classificam como de "evitação social" ou de "autossegregação" das elites (Marques, 2015; Caldeira, 2000) –, enquanto as classes médias e populares coabitam espaços mais frequentemente. Em suma, "o padrão centro-periferia não parece ter se esgotado, mas a capacidade do modelo enquanto instrumento analítico e heurístico tornou-se limitada por ocultar outras configurações e dinâmicas urbanas." (Moya, 2011, p. 37).

Para antever a complexidade das desigualdades na cidade de São Paulo, partimos de uma tipologia dos distritos da cidade, que considera diversos atributos socioeconômicos e demográficos dos indivíduos, padrões de arranjos familiares e características das habitações, e que aponta a existência de *sete diferentes tipos de espaços* na cidade (Figura 2). Os distritos em azul claro correspondem a *espaços populares* extremamente vulneráveis. A porção em azul escuro também corresponde a *espaços de classes populares*, mas com melhores indicadores socioeconômicos e com maior presença de classes médias. Os distritos em verde claro e escuro são espaços bastante heterogêneos do ponto de vista da composição de classe: os primeiros apresentam proporções de classes superiores, médias e populares similares às médias amostrais, sendo, portanto, *espaços mistos*, enquanto os segundos apresentam proporções de classes superiores mais elevadas que na amostra total, e proporções similares às amostrais de classes médias e populares, caracterizando-se, assim, como *espaços superiores misturados*. Os sete distritos pintados em rosa são mais homogêneos em termos da composição social, com presença bem acima da média das classes superiores em suas diversas frações (sobretudo dirigentes e profissionais) e abaixo da média das demais, sendo, assim, *espaços superiores*. Os espaços em laranja e vermelho se assemelham em termos de arranjos familiares e da situação de propriedade dos domicílios. Ao mesmo tempo, constituem espaços bem distintos em termos de características socioeconômicas: os seis distritos em laranja se assemelham a *espaços superiores misturados*, enquanto os quatro distritos em vermelho são mais propriamente *espaços populares* menos vulneráveis.[8]

[8] Para mais detalhes sobre o estudo, consultar os working papers "A cidade de São Paulo: padrões de desigualdade sociodemográfica" e "Comparação descritiva dos distritos da cidade de São Paulo em termos de características demográficas, educacionais e socioeconômicas", produzidos por Edison Bertoncelo em 2022 no seio do Projeto Temático Fapesp acima referido, ambos disponíveis em https://csc.ifch.unicamp.br/grupo/15

Figura 2: Mapa da cidade de São Paulo representando os sete tipos de espaços socioespaciais



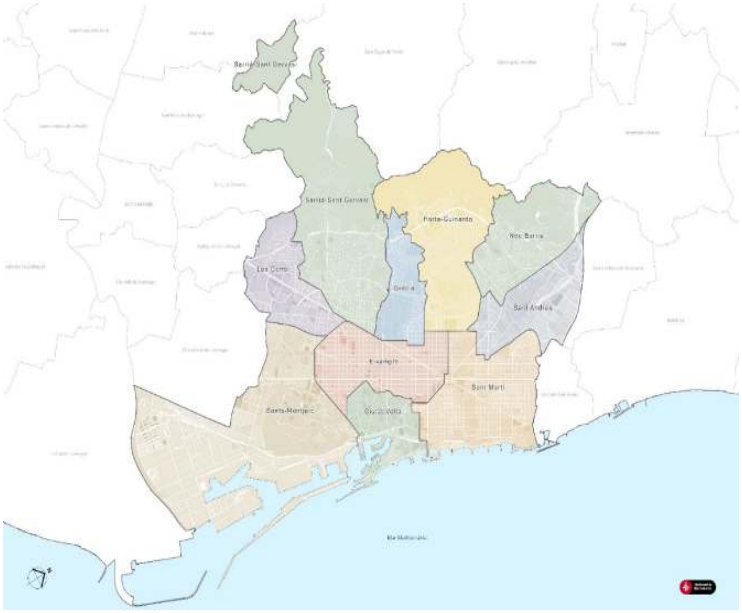
	Dominante	Médio	Popular
Popular vulnerável	6,22%	16,02%	77,77%
Popular estabilizado	12,25%	21,88%	65,88%
Misturado	26,95%	25,71%	47,34%
Superior Misturado	53,08%	24,06%	22,86%
Superior	67,41%	20,99%	11,60%
Popular estabilizado vertical	16,16%	24,87%	58,97%
Superior misturado vertical	44,46%	26,88%	28,67%
Total	22,07%	21,22%	56,71%

Nota: Na tabela, pode-se observar a distribuição de indivíduos das classes dominantes, médias e populares pelos diferentes espaços resultantes da classificação tipológica.
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo de 2010.

O município de Barcelona, por sua vez, tem uma população de 1.639.981 habitantes e se divide em 10 distritos (Figura 3).[9] O PIB bruto da cidade é de 93 bilhões de euros, que corresponde a cerca de 35% do PIB da Catalunha e de 7% do PIB espanhol. É a segunda cidade mais populosa do país, atrás da capital, com a qual compete em pujança econômica, uma vez que concentra parte importante dos setores industriais e financeiros do país europeu, além de abrigar um importante setor de serviços. Embora seja cerca de dez vezes menor que a cidade de São Paulo em superfície, população e quantidade de distritos, trata-se de uma cidade central da Espanha e uma das maiores metrópoles europeias, tanto mais se considerarmos a região metropolitana, que soma mais de cinco milhões de habitantes. É um centro de atração de turistas e imigrantes, o que dinamiza ainda mais o tecido urbano barcelonês.

[9] Dados de 2022. Fonte: Ajuntament de Barcelona. Departament d'Estadística i Difusió de Dades. Lectura del Padrón Municipal de Habitantes.

Figura 3: Mapa dos distritos de Barcelona



Fonte: https://ajuntament.barcelona.cat/mapes-imprimibles/en/

No que diz respeito às suas desigualdades, o índice de Gini era de 0,334[10] em 2017. A renda média mensal por domicílio é de 2.384,2 euros e a *per capita* é de 983,6 euros. No entanto, em seu distrito mais rico, a renda média domiciliar é de 3.231,7 e a *per capita* é de 1.237,9. Já no distrito mais pobre, essas importâncias são de 1.802,8 e 723,6.[11] A expectativa de vida média da cidade[12] é de 84,9 anos. Em Sarrià-Sant Gervasi, distrito mais "acomodado", é de 86,2 e, em Ciutat Vella, com a menor expectativa, é de 82,9, uma diferença de 3,3 anos. Em termos de escolaridade, enquanto 40,56% dos moradores têm ensino superior no distrito de Sarrià-Sant Gervasi, a proporção é de 16,55% em Nou Barris.[13]

[10] https://ajuntament.barcelona.cat/estadistica/castella/Estadistiques_per_temes/Societat_i_condicions_de_vida/Condicions_de_vida/Enquesta_condicions_vida/Actual/t2.htm

[11] Ajuntament de Barcelona. Oficina Municipal de Dades. Encuesta sociodemográfica de Barcelona 2020.

[12] Para São Paulo, não dispomos dos índices de expectativa de vida e, para Barcelona, não dispomos daqueles sobre a idade média ao morrer. Ainda que a comparação imediata fique comprometida, os diferentes índices permitem perceber que a desigualdade no que diz respeito a essa seara, embora seja importante em Barcelona, também é maior em São Paulo.

[13] Faremos a comparação entre as cidades de Barcelona e de São Paulo considerando os distritos, pois correspondem ao nível de desagregação dos dados que permite a melhor comparabilidade.

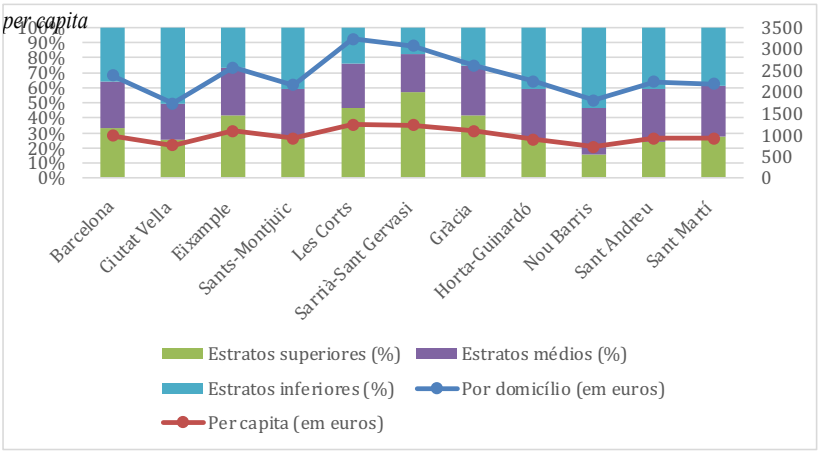
Estas são algumas das múltiplas dimensões das desigualdades na cidade. As mais ligadas à escolarização serão exploradas mais adiante. Por ora, basta notar duas coisas: a primeira é que Barcelona também é marcada por desigualdades. A segunda é que essas desigualdades são menos gritantes que em São Paulo. Isso não significa que tais desigualdades sejam simples. Por exemplo, os dois distritos com os piores indicadores sociais da cidade, Ciutat Vella e Nou Barris, guardam muitas diferenças entre si, como a própria nomenclatura – cidade velha e novo bairro – deixa antever. São opostos em termos geográficos, aquele estando a sudoeste, próximo à praia e a destinos turísticos, e este no extremo nordeste do município. Também apresentam diferenças em sua composição demográfica, distribuição de diplomas, entre outros.

Para além dos indicadores, suas desigualdades podem ser observadas no cotidiano das duas metrópoles. Para o que nos interessa neste artigo, cumpre destacar que, a despeito de apresentarem níveis diferentes de desigualdade, em ambas as cidades as frações superiores se concentram geograficamente, conforme podemos observar nos gráficos 1, 2 e 3 e nas figuras 4, 5 e 6.

Em Barcelona, os distritos de Les Corts e Sarrià-Sant Gervasi possuem os maiores valores em termos de renda domiciliar e *per capita*, além de concentrarem as maiores proporções de estratos ocupacionais superiores, conforme se vê no gráfico 1. No que se refere, por exemplo, à distribuição dos estratos ocupacionais, os distritos de Sarrià-Sant Gervasi e de Les Corts apresentam uma estrutura ocupacional inversa à dos distritos de Nou Barris e de Sant Andreu, com predominância, nos primeiros, dos estratos superiores e, nos segundos, dos estratos inferiores.[14]

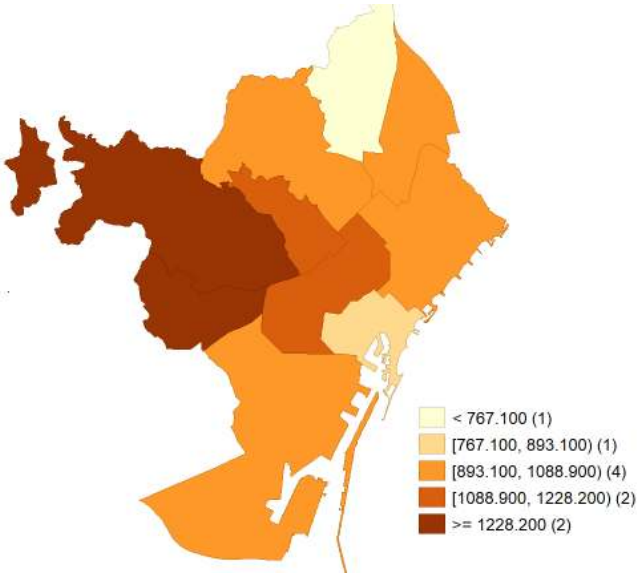
[14] Os dados sobre a renda estão mais atualizados, ao passo que os dados sobre ocupação mais recentes que a pesquisa levantou são de 2011, data próxima à que dispomos, no momento de escrita deste artigo, para os dados de São Paulo, referentes aos Censo de 2010. Sobre a construção dos estratos, a divisão dos agregados ocupacionais em superiores, médios e inferiores se baseou na Classificação Catalã de Ocupações, 2011. Os estratos superiores incluem diretores e gerentes, técnicos e profissionais científicos e intelectuais; os estratos médios, técnicos e profissionais de suporte e empregados contábeis e de escritório e, por fim, os estratos inferiores incluem os trabalhadores de restaurantes, serviços pessoais, segurança ou vendedores; trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e pecuária; trabalhadores qualificados da indústria manufatureira e da construção; operadores de instalações e maquinário e ocupações elementares.

Gráfico 1: Dados sobre renda domiciliar e *per capita* e distribuição dos estratos ocupacionais por distritos em Barcelona



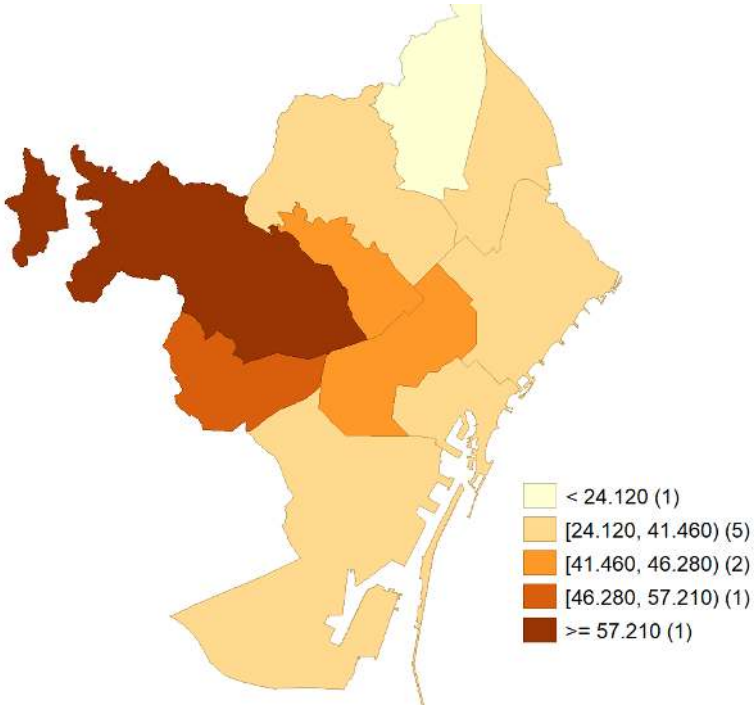
Fontes: Dados sobre renda (*per capita* ou domiciliar): Ajuntament de Barcelona. Oficina Municipal de Dades. Encuesta sociodemográfica de Barcelona, 2020. Dados sobre estratos ocupacionais: Instituto de Estatística da Catalunha a partir do Censo da População e dos Domicílios do Instituto Nacional de Estatística, 2011.

Figura 4: Renda *per capita* por distrito em Barcelona



Fonte: Elaboração própria com dados da Oficina Municipal de Dades. Encuesta sociodemográfica de Barcelona, 2020.

Figura 5: Distribuição dos estratos superiores por distrito em Barcelona

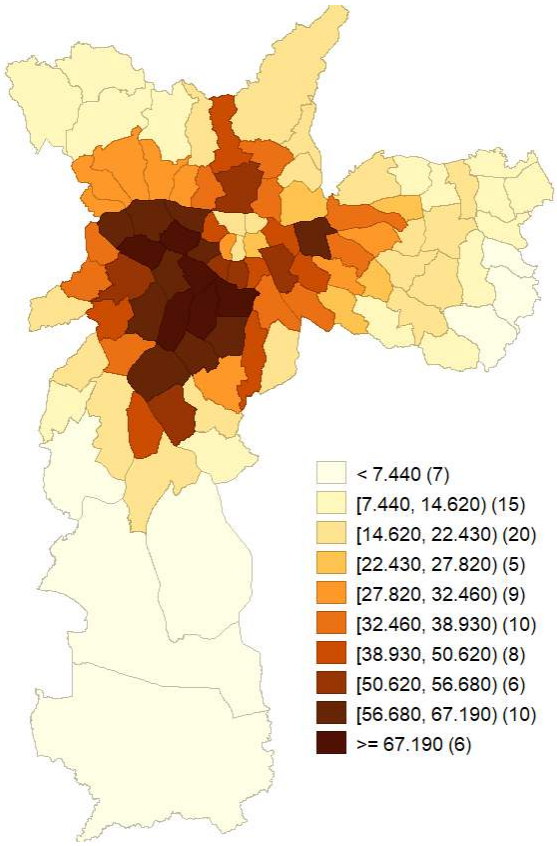


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo da População e dos Domicílios do Instituto Nacional de Estatística, 2011.

No que tange à cidade de São Paulo, conforme se vê na Figura 6, as classes superiores se concentram nos distritos do chamado centro expandido, sobretudo Moema (74,7%), Jardim Paulista (72,9%), Itaim Bibi (71,8%), Perdizes (69,6%), Vila Mariana (68,8%) e Alto de Pinheiros (67,2%)[15]. Um retrato similar surge quando consideramos a distribuição dos domicílios com renda *per capita* de, ao menos, cinco salários-mínimos entre os distritos da cidade. As quatro primeiras posições são ocupadas pelos mesmos distritos anteriormente mencionados: Moema (68,3%), Jardim Paulista (63,71%), Itaim Bibi (63,02%) e Perdizes (60,18%), seguidos por Alto de Pinheiros (58,72%) e Pinheiros (57,52%).

[15] Os números entre parênteses ou colchetes, no parágrafo e nas legendas das figuras, se referem à proporção de classes superiores em relação ao total em cada distrito.

Figura 6: Distribuição dos estratos superiores por distrito em São Paulo

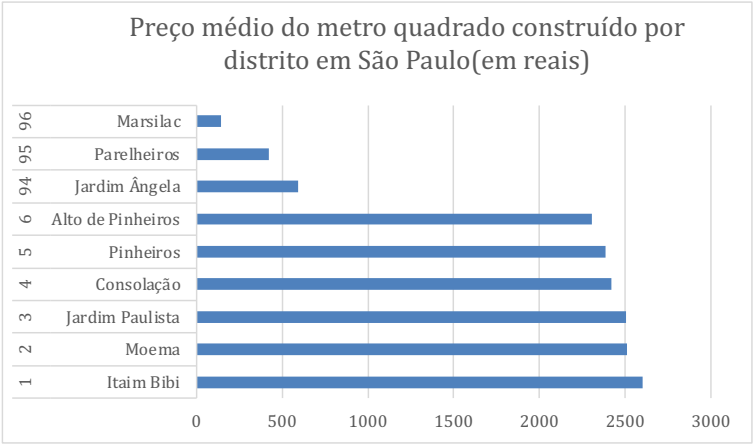


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo de 2010.

Outro aspecto da segregação do espaço urbano em interconexão com o espaço social é apreendido quando observarmos a distribuição dos imóveis conforme o preço médio do metro quadrado construído, que se correlaciona positivamente com os valores de outros indicadores de desigualdade socioespacial examinados anteriormente. Como se vê no Gráfico 2, os maiores valores médios estão nos distritos de Itaim Bibi, Moema, Jardim Paulista, Consolação, Pinheiros e Alto de Pinheiros, que são aproximadamente seis vezes maiores do que em Parelheiros ou quatro vezes o preço médio no Jardim Ângela.[16]

[16] É provável que essas diferenças sejam ainda maiores, considerando que são calculadas com base no valor venal do imóvel, que costuma carregar defasagem quanto aos valores vigentes no mercado imobiliário.

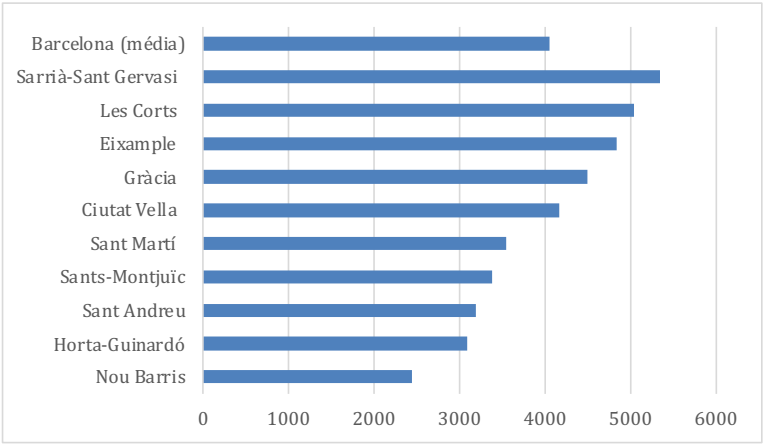
Gráfico 2: Preço médio (em reais) do m2 em São Paulo (por distritos)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IPTU da PMSP (2020).

Já no que diz respeito a Barcelona, quando olhamos para a dimensão dos preços do mercado imobiliário (Gráfico 3), o preço médio da oferta de imóveis usados por metro quadrado na cidade era de 4.058 euros, com os extremos de 5.346 em Sarrià-Sant Gervasi e de 2.444 em Nou Barris.[17]

Gráfico 3: Preço médio (em euros) do m2 em Barcelona (por distritos)



Fonte: Prefeitura de Barcelona, Departament d'Estadística i Difusió de Dades, 2022.

[17] Prefeitura de Barcelona. Departament d'Estadística i Difusió de Dades, 2022.

Delineado o contexto mais amplo sobre as desigualdades nas cidades, podemos passar à dimensão da escolarização.

Escolas e enclaves: educação pública e privada em São Paulo e Barcelona

Conforme indicam Boterman et al (2019), a relação entre segregação educacional e residencial é crucial para se entender a reprodução social e a mobilidade social intergeracional. O que se sabe sobre essa relação, contudo, é ainda bastante limitado. Ao estudarem a realidade escolar de Barcelona, Bonal e Motos (2022, p.115) afirmam que a segregação escolar seria significativamente superior à segregação residencial. Para Bonal e Belei (2018), esta segregação seria, contudo, uma das principais causas da segregação escolar, mas a relação entre ambas não seria simples ou linear.

Ao contrário de se realizar por um processo inercial, a reprodução também ocorre por meio de estratégias ativas, tal como demonstrado por Méndez e Gayo (2019) ao analisarem as recentes estratégias residenciais e escolares de *upper-middle classes* em Santiago, no Chile. Nessa direção, para compreendermos as elites na cidade, é relevante observar os dados sobre escolarização privada e, por oposição relacional, a escolarização pública, nas duas urbes que temos sob análise.

É importante, entretanto, ter em mente que a clivagem analítica entre público e privado precisa ser nuançada, uma vez que as escolas públicas também são palco de processos de seleção e estratificação e, ao mesmo tempo, as escolas privadas são destino de diferentes classes e frações de classe, o que ocorre diferencialmente em cada fase da escolarização.

Apontadas essas relevantes nuances, que não cabe desenvolver aqui, antes de passarmos às características que dizem respeito à escolarização diferencial das classes sociais no tecido urbano, é relevante sublinhar alguns aspectos da dimensão institucional da escolarização nos dois contextos. No Brasil, a chamada educação básica é formada por três etapas, todas obrigatórias por lei: educação infantil, que atende crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, sendo obrigatória para crianças de 4 e 5 anos; ensino fundamental, que tem nove anos de duração e atende a estudantes entre 6 e 14 anos, sendo dividido em duas fases, chamadas Anos Iniciais ou Ensino Fundamental 1 (6

a 10 anos de idade, do 1º ao 5º ano) e Anos Finais ou Ensino Fundamental 2 (de 11 a 14 anos, do 6º ao 9º ano); e ensino médio, que tem duração mínima de três anos e, modalmente, é cursado entre os 14/15 e os 17/18 anos.[18] Na Espanha, a educação infantil se divide em dois ciclos, sendo o primeiro para crianças de 0 a 3 anos e o segundo para aquelas que têm entre 3 e 6 anos, e não é obrigatória. A educação primária é obrigatória, abrange alunos entre 6 e 12 anos e se divide em três ciclos de dois anos de duração cada. A educação secundária obrigatória (ESO) cobre dos 12 aos 16 anos e se divide em dois ciclos. Já o Bachillerato, algo que se aproximaria dos dois anos finais do Ensino Médio no Brasil (entre os 16 e 18 anos), não é obrigatório na Espanha. Ao mesmo tempo, em ambos os sistemas educativos existem ensino público, privado-conveniado e inteiramente privado e, neste último, temos a diferenciação entre instituições particulares com fins lucrativos, filantrópicas e confessionais. Tais similaridades facilitam a comparação.

Algo que diferencia pronunciadamente as duas realidades é a proporção de estudantes que fazem uso de cada um dos tipos de escola. Em Barcelona, consideradas todas as fases da escolarização obrigatória, dos 6 aos 16 anos, 11,55% dos estudantes faziam uso de escolas privadas no ano letivo 2020-2021, o restante se dividindo entre escolas públicas e conveniadas (*concertats*). Considerando apenas a educação primária, de 6 a 12 anos, apenas 2,15% do total de alunos estavam matriculados em instituições privadas.[19] Já em São Paulo, conforme dados do Censo Escolar de 2020, cerca de 26% das matrículas da educação básica se dão no ensino privado (escolas particulares, confessionais ou filantrópicas), de modo que este tipo de escolarização diz respeito a uma realidade mais ampla entre nós, ao passo que é reservada a uma minoria mais restrita na cidade europeia.[20]

---

[18] Esse é o desenho institucional da educação básica regular, mas há também a Alfabetização de Jovens e Adultos, educação profissional e tecnológica, além de políticas de educação especial em vigência no país.

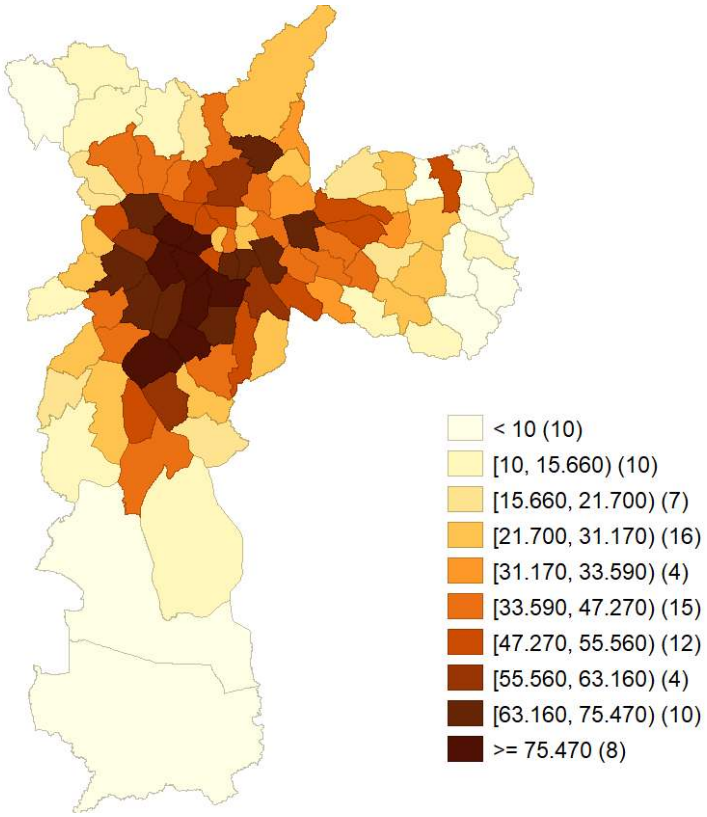
[19] Considerando apenas a educação primária, de 6 a 12 anos, tínhamos 80.653 estudantes na mesma data. Deles, 36.810 estavam matriculados em escolas públicas, 42.109 em escolas privadas conveniadas e 1.734 estavam matriculados em centros privados, o que corresponde a 2,15% do total. Consorci d'Educació de Barcelona.

[20] Esses dados excluem a escolarização anterior aos 3 anos de idade em Barcelona e 4 anos de idade em São Paulo, uma vez que a oferta pública não é obrigatória. Os dados sobres as escolas incluem todas as públicas e privadas em toda a educação obrigatória. Os dados sobre as matrículas incluem as fases primária (Barcelona) e fundamental (São Paulo) por haver entre elas uma comparabilidade maior.

A despeito dessa importante diferença, em ambas a oferta de escolas públicas e privadas acompanha, em boa medida, a distribuição das classes sociais no território. Contudo, na capital paulista, a oferta privada não se concentra, tanto quanto em Barcelona, nas zonas de privilégio. Importante lembrar também das pesquisas que apontam para um aumento das matrículas em escolas privadas mesmo entre classes populares em São Paulo (Perosa & Dantas, 2017).

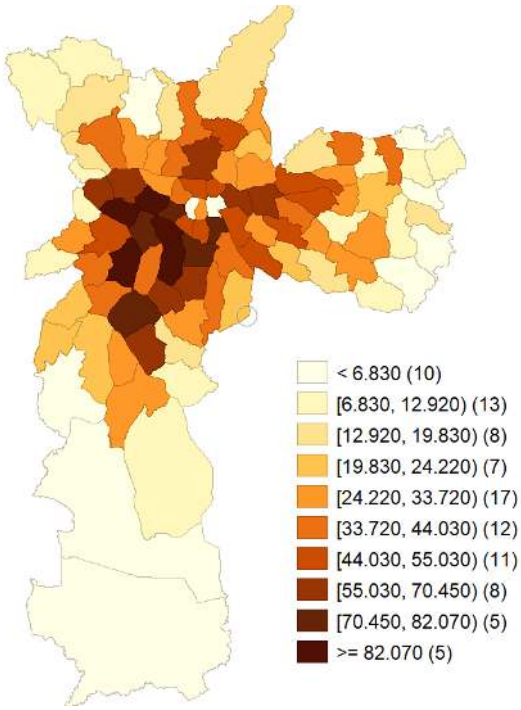
Ainda assim, o padrão de elite na "mancha" sudoeste da cidade é bastante nítido nas Figuras 7 e 8, sobretudo quando consideramos o ensino fundamental, cuja oferta de escola pública se espalha por todos os distritos da cidade.

Figura 7: Oferta de escolas privadas (não-conveniadas) em São Paulo



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Escolar 2020.

Figura 8: Matrículas no ensino fundamental em escolas privadas na cidade de São Paulo

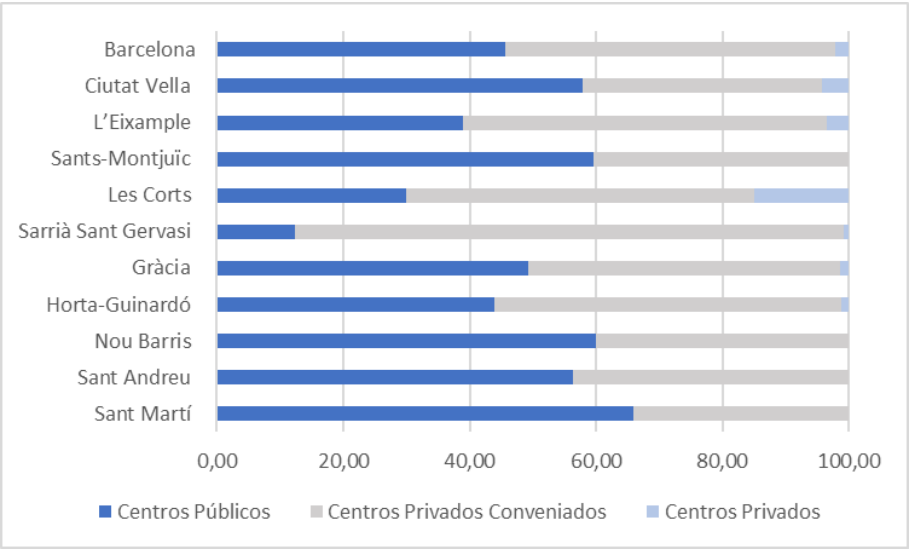


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Escolar 2020

Como vemos nas figuras anteriores, a mancha da oferta de escolas privadas não conveniadas se espalha mais pelo território da cidade quando comparada com aquela da taxa de matrícula no ensino fundamental em escolas privadas, evidenciando que a expansão da escola privada nos espaços mistos e populares da cidade tem como pano de fundo o uso intenso da escolarização privada pelas classes superiores, que, como vimos, se concentram nas franjas oeste e sudoeste da cidade, correspondendo aos espaços superiores e superiores misturados (Figura 2).

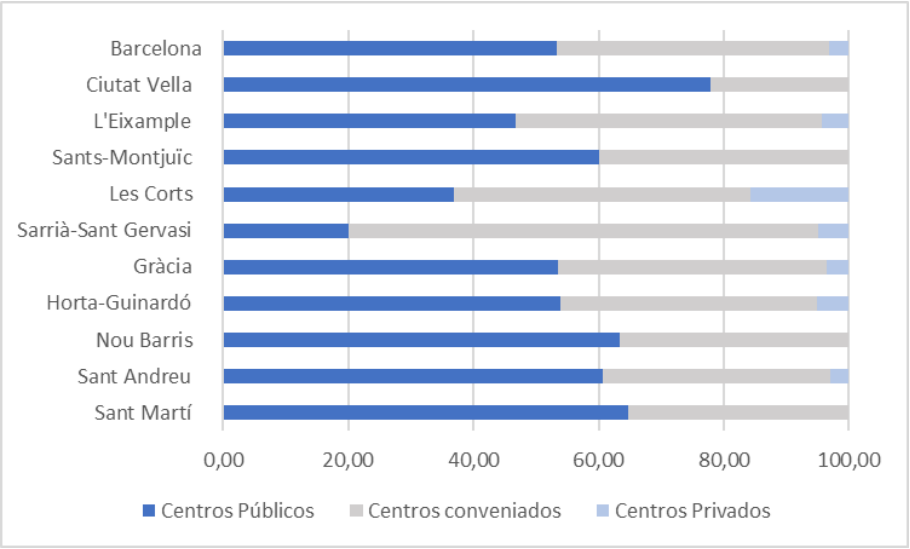
Também em Barcelona, conforme se vê nos Gráficos 4 e 5, a distribuição dos alunos por diferentes tipos de escola varia fortemente conforme o distrito: a proporção de alunos matriculados em centros conveniados e privados é significativamente maior em distritos como Sarrià-Sant Gervasi e Les Corts, que concentram os domicílios de alta renda e os estratos superiores. Uma estrutura de distribuição oposta pode ser observada nos distritos de Sant Martí e Nou Barris, com maior proporção de matrículas em escolas públicas.

Gráfico 4: Distribuição do alunato conforme dependência administrativa da escola em Barcelona (educação primária)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Consorci d'Educació de Barcelona – Memòria 2020-2021.

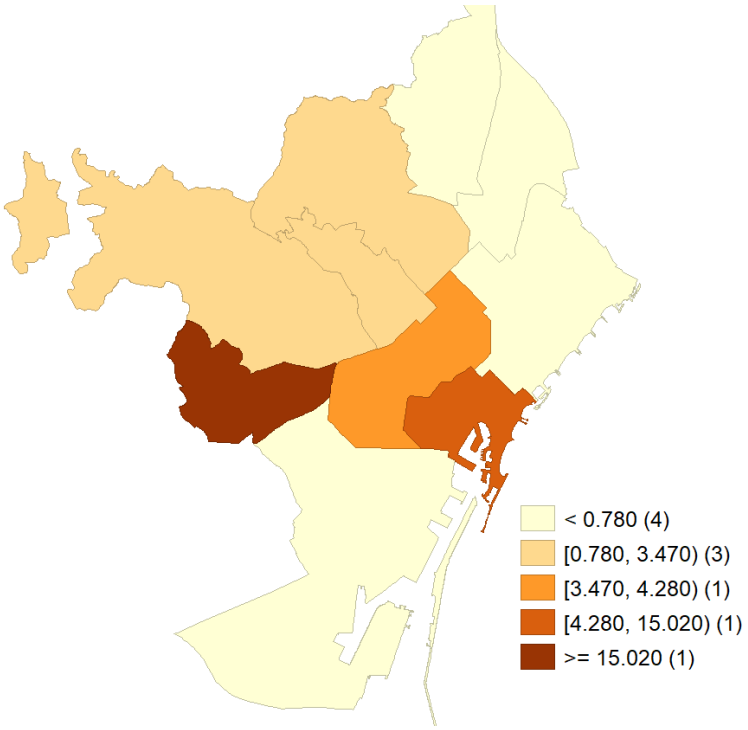
Gráfico 5: Distribuição das escolas por distrito em Barcelona conforme a dependência administrativa (educação infantil e primária)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Consorci d'Educació de Barcelona 2020-2021.

A estrutura da distribuição da oferta escolar apresenta traços similares, conforme se vê no Gráfico 5: no distrito de Les Corts, estão localizadas três das sete escolas privadas de fases iniciais da escolarização obrigatória de Barcelona. No distrito de Sarrià-Sant Gervasi, pode-se observar a menor oferta proporcional de escolas públicas e a maior de escolas privadas conveniadas, enquanto os distritos de Sant Martí e Nou Barris apresentam a maior oferta de escolas públicas em Barcelona. Ou seja, quando observamos a distribuição da oferta escolar e das taxas de matrícula por tipo de escola, notamos uma concentração dos centros de ensino privados e o maior uso do sistema privado de ensino nos distritos de alta renda e com maior presença dos estratos superiores. Esse padrão de sobreposição dos espaços social, geográfico e simbólico, ainda que menos marcado do que em São Paulo, pode ser visualizado na Figura 9, que exibe a mancha da escolarização em centros privados no ensino primário em Barcelona.

Figura 9: Matrículas no ensino primário em centros privados em Barcelona



Fonte: Elaboração própria com dados do Consorci d'Educació de Barcelona – Memòria 2020-2021.

Em ambas as cidades, a escolarização privada é nitidamente mais importante em suas regiões abastadas.

O enclave IB: transformações no espaço simbólico das elites e segregação socioespacial

No mundo todo, a escolarização das classes médias-altas e altas atravessa atualmente transformações ligadas à situação de globalização (Zanten *et al.*, 2015; Windle & Nogueira, 2015; Aguiar & Nogueira, 2012; Michetti, 2019, 2022; Michetti & Nicolau Netto, 2023). Diante disso, os esforços de internacionalização das experiências escolares, com centralidade para o lugar da língua inglesa nesse processo, são uma boa forma de apreender esse aspecto do espaço simbólico de frações superiores e como ele se inscreve geograficamente.

Em São Paulo, algumas poucas escolas internacionais já existem há muitas décadas (Cantuária, 2005) e outras escolas com currículo internacional surgem mais recentemente, ao passo que escolas estabelecidas estabelecem iniciativas para fazer frente a esse processo (Michetti, 2022; Michetti & Nicolau Netto, 2023). Esta dimensão se soma às dinâmicas de segregação já existentes nas metrópoles estudadas. A esse respeito, Barcelona tinha, no ano letivo 2020/2021, 6.349 estudantes que se dedicavam a "estudos estrangeiros", 628 dos quais em instituições públicas e 5.721 em instituições educativas privadas.[21] Também em São Paulo, trata-se de um universo bastante restrito e reservado à oferta privada (Michetti, 2022; Michetti & Nicolau Netto, 2023).

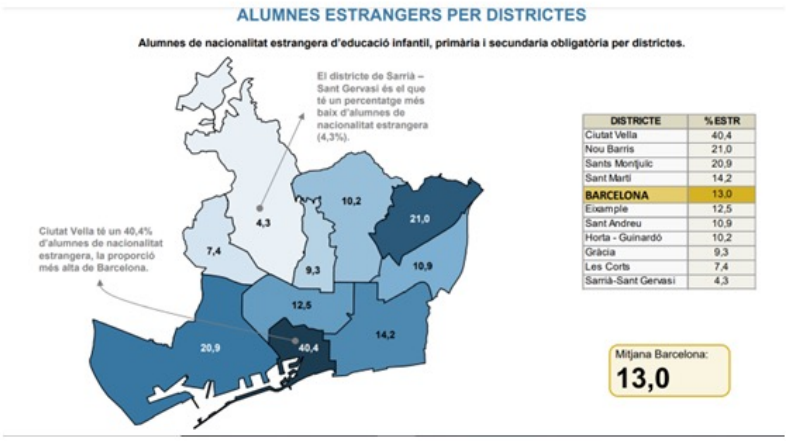
As escolas que seguem o currículo da *International Baccalaureate Organization*, (*IB Schools*) demonstram como se configura em termos geográficos essa dimensão crescentemente pertinente do espaço simbólico, qual seja, a busca por uma educação afeita ao "internacional" (Hayden, 2011; Almeida, 2015; Maire & Windle, 2021). Um aspecto relevante desse fenômeno é que, em São Paulo, a maioria dos matriculados nas escolas internacionais é de brasileiros[22] e, em Barcelona, o ensino privado de modo geral conta com um número de estrangeiros bastante inferior ao do ensino público. Além de diferenciar-se por tipo de instituição, com o ensino público apresentando proporção maior de estrangeiros que o privado, essa diferença

[21] Memòria d'activitats del Consorci d'Educació de Barcelona 2020/2021.

[22] Segundo dados disponibilizados pelas escolas. Para mais detalhes, consultar Michetti (2022).

também se inscreve geograficamente, pois as instituições dos distritos com maior proporção de estratos inferiores apresentam também uma maior proporção de estrangeiros, conforme se nota na Figura 10.

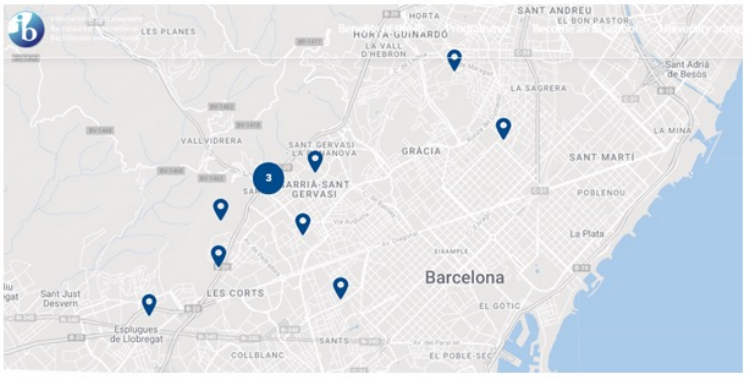
Figura 10: Alunos estrangeiros por distritos de Barcelona



Fonte: La població escolar a la ciutat de Barcelona, Consorci d'Educació de Barcelona (2017).

Trata-se, portanto, da busca não por uma educação "estrangeira" ou de "estrangeiros", mas "internacional", que se distribui bastante seletivamente pela cidade, situando-se majoritariamente nos distritos com maior presença de estratos superiores (Gráfico 1 e Figuras 4 e 5), conforme se vê na Figura 11.

Figura 11: Localização das escolas internacionais (IB) em Barcelona



Fonte: Site da IBO- https://www.ibo.org/programmes/find-an-ib-school/. Busca em 20/04/2024.

A maioria das *IB Schools* é privada e se distribui pela zona noroeste da capital catalã, sua zona mais "acomodada". No total, o município abriga 12 escolas privadas e quatro públicas. A oferta do currículo IB por instituições públicas é bastante recente: uma delas se tornou IB em 2016 e o restante de 2020 em diante. Essa movimentação pública em uma cidade que tem buscado mitigar desigualdades é indicativa de disputas pelos sentidos da educação legítima, que caberia analisar em outra ocasião. Por ora, cabe apontar que a homologia entre zonas de privilégio e escolas IB se demonstra em Barcelona e se repete em São Paulo, onde praticamente todas elas, todas privadas, se situam no que chamamos anteriormente de espaços superiores (Figura 2), conforme podemos visualizar na Figura 12.

Figura 12: Localização das escolas IB em São Paulo



Fonte: Site da IBO - <https://www.ibo.org/programmes/find-an-ib-school/> Busca em 20/04/2024.

Interessante perceber que, embora São Paulo tenha cerca de dez vezes o número total de estudantes de Barcelona, o número de instituições educativas privadas que oferecem o currículo do bacharelado internacional é relativamente mais alto na cidade espanhola. Além disso, não se pode ignorar o fato de que essas escolas são muito mais custosas e, portanto, seletivas em São Paulo do que em Barcelona, conforme demonstram, nas Tabelas 1 e 2, os números referentes às cinco escolas com currículo IB de maiores anuidades nas duas cidades.

Tabela 1: Anuidade das escolas IB selecionadas de São Paulo (em Euros, 2022)

Escola	Anuidade[1]	Anuidade em salários-mínimos locais	Distrito
Graded (American School)	26,735.53	8,94	Morumbi
St Francis	24,000.00	8,02	Pinheiros
St Paul's	23,433.79	7,83	Pinheiros
Chapel	21,285.44	7,11	Santo Amaro
St Nicholas	23.296,31*	*	Pinheiros

Nota:1 Para tornar a comparação mais precisa, elegemos as séries 9 a 12 do ensino fundamental obrigatório em ambas as cidades e convertemos as anuidades em euros para os dois países e em salários-mínimos de cada país/cidade, em valores de 2022. A mensalidade da St Nicholas, contudo, se refere a 2023, pois a pesquisa não conseguiu o valor de 2022.

Fonte: elaboração própria com compilação de dados de várias fontes.

Tabela 2: Anuidade das escolas IB selecionadas de Barcelona (em Euros, 2022)

Escola	Anuidade	Anuidade em salários-mínimos locais	Distrito
American School of BCN	22.525,00	1,88	Esplugues de Llobregat[1]
Benjamin Franklin	17.990,00	1,50	Sarrià- Sant Gervasi
Colegio Británico – City	17,690,00	1,47	Sarrià Sant Gervasi
St Peter's	15.830,64	1,32	Les Corts
St George	14.885,00	1,24	Les Corts

Nota: Conforme se observa na Figura 3, Esplugues de Llobregat é um pequeno município contíguo ao distrito barcelonês de Les Corts. A própria American School of Barcelona afirma que "ASB is located just outside Barcelona in a town called Esplugues de Llobregat. Only 10 kilometers from Plaza Catalunya, the center of Barcelona, ASB enjoys all the benefits of a beautiful cosmopolitan city, but also provides students with one of the largest campuses in Barcelona to practice sport, perform on stage, and learn in dedicated indoor and outdoor spaces" e ressalta que "Most of our families are concentrated in the following neighborhoods in Barcelona: Sarrià, Pedralbes, Les Corts, Sant Gervasi, Eixample, and Gràcia." Disponível em https://www.asbarcelona.com/aboutinternationalschool/campus-and-facilities. Acesso em 23/05/2024.

Fonte: elaboração própria a partir de compilação de dados das escolas.

Enquanto as maiores anuidades das escolas internacionais em Barcelona custam entre um e dois salários-mínimos anuais locais, em São Paulo esse valor alcança entre sete e quase nove salários-mínimos anuais brasileiros.

Por um lado, a existência desse tipo de escolarização nos informa sobre dinâmicas de semelhantes em lugares diferentes no que se refere às classes superiores. Por outro, tal discrepância entre os valores também é elucidativa sobre os níveis de concentração de capitais e das desigualdades nos cenários comparados. A propósito, uma informação pertinente para apreendermos qualitativamente como essas anuidades são classificadas socialmente é que a maioria dessas escolas não divulga o valor das mensalidades em São Paulo, sendo necessário um esforço de pesquisa para acessá-lo, diferentemente do que ocorre em Barcelona, onde a informação é disponibilizada no *site* das escolas.

Conclusões

Os dados acima permitem concluir a existência de uma homologia entre espaço social, simbólico e geográfico, sendo que a escolarização foi tomada como o indicador para o espaço simbólico. Mais especificamente, pode-se perceber dinâmicas de concentração residencial e educacional de classes superiores em determinadas regiões das duas cidades analisadas, ainda que elas sejam muito diferentes entre si. Logo, além de reiterar com novos dados a relação entre essas duas concentrações e a construção de espaços insulares por frações de elite, este estudo também buscou contribuir para o conhecimento sobre esse processo em duas configurações sociais e urbanas bastante distintas e por meio de um fenômeno recente e crescente, qual seja, as estratégias educativas que passam pela internacionalização.

Pode-se afirmar que, a despeito de suas múltiplas diferenças, em especial no que diz respeito ao nível das desigualdades das duas cidades, tais estratégias se aproximam nos dois contextos. Estamos diante de uma atualização das estratégias simbólicas de frações superiores da estratificação social, que se baseiam em divisões sociais existentes, mas, ao mesmo tempo, adicionam elementos às separações educacionais e urbanas. Tais estratégias se dão sobre o espaço como categoria social, aquele que inclui, mas não se esgota, na dimensão física, aquele sobre o qual se constrói proximidades e distâncias, pertenças e exclusões e se delimita as fronteiras que caracterizam as desigualdades nas cidades (e sociedades) contemporâneas.

Referências

Aguiar, Andréa, & Nogueira, Maria Alice. (2012). Internationalization strategies of Brazilian private schools. *International Studies in Sociology of Education, 22*(4), p.353-368.

Almeida, Ana Maria F. (2015). The changing strategies of social closure in elite education in Brazil. *In:* A.V. Zanten *et al. Elites, privilege and excellence. The national and global redefinition of educational advantage*. World Yearbook of Education 2015. (pp. 71-81). Routledge.

Arantes, Rafael de A. (2021). O(s) espaço(s) público(s) numa cidade desigual e segregada. *Caderno CRH, 34*, e021010. https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.27018

Atkinson, Will. (2017). *Class in the New Millennium: The structure, homologies and experience of the Britain social space*. Routledge.

Atkinson, Rowland, & Flint, John. (2004). Fortress UK? Gated communities, the spatial revolt of the elites and time-space trajectories of segregation. *Housing Studies,19*(6), 875–892.

Blanco, Ismael. (2009). Does a 'Barcelona Model' really exist? Periods, territories and actors in the process of urban transformation. *Local Government Studies, 35*(3), 335-369.

Blanco, Ismael, & Gomá, Ricard. (coords.) (2022) *¿Vidas segregadas? Reconstruir fraternidad.* Editorial Tirant Lo Blanch.

Blanco, Ismael, & Nel.lo, Oriol C. (eds.). (2018). *Crisis económica, segregación urbana e innovación social en Cataluña.* Editorial Tirant Lo Blanch.

Blanco, Ismael, & Subirats, Joan. (2008). Social exclusion, area effects and metropolitan governance. A comparative analysis of five large Spanish cities. *Urban Research and Practice, 1* (2), 130-148.

Boltanski, Luc. (2009). *De la critique. Précis de sociologie de l'emancipation*. Gallimard.

Bonal, Xavier, &; Motos, Sheila G. (2022). La segregación educativa. In: I. Blanco, & R. Gomá. (coords.) *¿Vidas segregadas? Reconstruir fraternidad*. Editorial Tirant Lo Blanch.

Bonal Xavier, & Bellei Cristián. (eds.) (2018) *Understanding school segregation: Patterns, causes and consequences of spatial inequalities in education*. Bloomsbury.

Boterman, Willem, Musterd, Sako, & Manting, Dorien. (2021). Multiple dimensions of residential segregation. The case of the metropolitan area of Amsterdam. *Urban Geography, 42*(4), p.481-506. https://doi.org/10.1080/02723638.2020.1724439

Boterman, Willem, Musterd, Sako, Pacchi, Carolina, & Ranci, Constanzo. (2019). School segregation in contemporary cities: Socio-spatial dynamics, institutional context and urban outcomes. *Urban Studies, 56*(15), 3055–3073. https://doi.org/10.1177/0042098019868377

Bourdieu, Pierre. (2007). *A distinção. Crítica social do julgamento*. Zouk.

Bourdieu, Pierre. (2013). Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Novos Estudos Cebrap, 27* (79), 133-144. https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300010

Bourdieu, Pierre. (2011). Champ du pouvoir et division du travail de domination. Texte manuscrit inédit ayant servi de support de cours au Collège de France, 1985-1986. *Actes de la recherche en sciences sociales, 2011/5* (190), 126-139. https://doi.org/10.3917/arss.190.0126

Caldeira, Teresa P. R. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34.

Caldeira, Teresa P. R. (1997). Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos Cebrap, 1*(47), 155-176.

Canêdo, Letícia, Tomizaki, Kimi, & Garcia Jr., Afrânio (orgs.). (2013). *Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalizaçã*o. São Paulo, Hucitec.

Cantuária, Adriana L. (2005). *Escola internacional, educação nacional. A gênese do espaço de escolas internacionais de São Paulo*. Tese. (Doutorado em Educação), Unicamp. http://10.0.186.133/T/UNICAMP.2005.336200

Corrêa, Roberto L. (1989). *O espaço urbano*. Ática.

Denord, Fraçois, Palme, Mikael, & Réau, Bertrand. (eds). (2020). *Researching elites and power: Theory, methods, analyses*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-45175-2

Feitosa, Favia, Barros, Joana, Marques, Eduardo, & Giannotti, Mariana. (2021). Measuring changes in residential segregation in São Paulo in the 2000s. *In:* M. Van Ham *et al.* (eds) *Urban socio-economic segregation and income inequality: A global perspective*. (pp. 507-523). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-64569-4

Fol, Sylvie, & Frouillou, Leila. (2023). Urban Segregation. *In:* M. Talandier, & J. Tallec. (coords.). *Territorial Inequalities*. Wiley & Sons.

Gamsu, Sol. (2016). Moving up and moving out: The re-location of elite and middle-class schools from central London to the suburbs. *Urban Studies, 53*(14), 2921–2938.

Hayden, Mary. (2011). Transnational spaces of education: the growth of the international school sector. *Globalization, Societies and Education, 9*(2), 211-224.

Khan, Shamus R. (2011). *Privilege: The making of an adolescent elite at St. Paul's School*. Princeton University Press.

Maire, Quentin, & Windle, Joel. (2021). The contribution of the International Baccalaureate Diploma to educational inequalities: reinventing historical logics of curriculum stratification in a comprehensive system. *Educational Review, 74*(1), 76-92. https://doi.org/10.1080/00131911.2021.1905609

Marques, Eduardo C. L. (org.). (2015). Os espaços sociais da metrópole nos 2000. *In:* E. Marques. *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades na metrópole.* Editora Unesp/CEM.

Marques, Eduardo, & França, Danilo. (2020). Segregation by class and race in São Paulo. *In:* S. Musterd (ed.), *Handbook of urban segregation.* (pp.36-54). Edward Elgar.

Maxwell, Claire, & Aggleton, Peter. (eds). (2016). *Elite education: International perspectives*. Routledge.

Méndez, María Luisa, & Gayo, Modesto. (2019). *Upper middle class social reproduction: Wealth, schooling, and residential choice in Chile*. Palgrave MacMillan.

Michetti, Miqueli. (2019). Atualizações da "boa vontade cultural": internacionalização e diversidade no ensino superior brasileiro. *Estudos de Sociologia, 24*(46), https://doi.org/10.52780/res.12327

Michetti, Miqueli. (2022). "Bilíngues", "bilíngues de verdade" e global citizens. Distinção e disposições sociais no mercado educacional. *Tempo Social, 34*(2), 47–68. https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2022.191210

Michetti, Miqueli & Nicolau Netto, Michel. (2023). As pedagogias do global. In : R. Ortiz, M. Michetti, & M. Nicolau Netto, *Distinção e globalização*. (pp. 57-97). Fino Traço/Fapesp,.

Moya, María Encarnación. (2011). Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social. *In:* L. Kowarick, & E. Marques. *São Paulo: novos percursos e atores (sociedade, cultura e política)*. Editora 34.

Musterd, Sako, Marcińczak, Szymon, Van Ham, Maarten, & Tammaru, Tiit. (2017) Socio-economic segregation in European capital cities: Increasing separation between poor and rich. *Urban Geography, 38*(7), 1062–1083. https://doi.org/10.1080/02723638.2016.1228371

Oberti, Marco. (2020). Urban and school segregation in the larger Paris metropolitan area: a complex interweaving with a strong qualitative impact on social cohesion. *In:* S. Musterd (ed.), *Handbook of urban segregation*. (pp. 134-150). Edward Elgar.

Oberti, Marco, & Préteceille, Edmond. (2016). *La ségrégation urbaine*. La Découverte

Pasternak, Suzana, & Bógus, Lúcia M. (2019) Macrometrópole paulista: estrutura sócio-ocupacional e tipologia dos municípios: mudanças na primeira década dos anos 2000. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos, 21*(2), 431-450. https://doi.org/10.22296/2317-1529.2019v21n2p431

Pereira, Virgílio B. (2013). L'espace social, les pratiques quotidiennes et la ville: repères pour une sociologie des divisions sociales et symboliques dans la ville de Porto. *In:* P. Coulangeon, & J. Duval. (orgs.) *Trente ans après La distinction de Pierre Bourdieu*. (pp. 206-215). La Découverte.

Pereira, Virgílio B. (2018). Urban distinctions: Class, culture and sociability in the City of Porto. *International Journal of Urban and Regional Research, 42*(1), 126-137.

Perosa, Graziela S. & Dantas, Adriana S. R. (2017). A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. *Educação e Pesquisa, 43*(4), 987-1004. https://doi.org/10.1590/S1517-9702201704177976

Pinçon, Michel, & Pinçon-Charlot, Monique. (2007). Sociologia da alta burguesia. *Sociologias, 9*(18), 22-37. https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000200003

Pinçon, Michel, & Pinçon-Charlot, Monique. (2007a). *Comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Le Seuil.

Pinçon, Michel, & Pinçon-Charlot, Monique. (2007b). *Les ghettos du Gotha*. Le Seuil.

Pinçon, Michel, & Pinçon-Charlot, Monique. (2014). *Sociologie de Paris*. La Découverte.

Préteceille, Edmond, & Cardoso, Adalberto. (2020). Socioeconomic segregation and the middle classes in Paris, Rio de Janeiro and São Paulo: A comparative perspective. In: S. Musterd (ed.), *Handbook of urban segregation*. (pp.270-288). Edward Elgar.

Prunas, Jaime. (2022). The urban dilemma: A critical analysis on gated communities and the notion of self-segregation for a future of urban inclusivity. *Interior Educators*. Disponível em https://interioreducators.co.uk/uploads/submitted-files/219.W_.CSa_.2022.pdf

Ribeiro, Luiz Cesar de.Q. (ed.) (2014). *Rio de Janeiro: transformações na ordem urbana*. Letra Capital/ Observatório das Metrópoles.

Rolnik, Raquel. (2021). *São Paulo: o planejamento da desigualdade*. Fósforo.

Rolnik, Raquel, & Frúgoli, Heitor. (2001). Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*, (6), 55-83.

Rosenlund, Lennart. (2009). *Exploring the city with Bourdieu: Applying Pierre Bourdieu's theories and methods to study the community*. VDM Verlag.

Saint-Martin, Monique de. (2008). Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França. *Tomo*, (13), 43-73. https://doi.org/10.21669/tomo.v0i13.467

Savage, Mike. (2021). Bourdieu comes to town: Part II. *International Journal of Urban and Regional Research, 45*(1), 150-153.

Savage, Mike. (2011). The lost urban sociology of Pierre Bourdieu. *In:* G. Bridge, & S. Watson. [eds]. *The New Blackwell Companion to the City*. (pp. 511-520). Wiley-Blackwell.

Silva. Dafne.S.F. (2016). *Para dentro das portarias, por detrás das cancelas: características e condicionantes da autossegregação de elites em Campinas.* Dissertação. (Mestrado em Demografia). Unicamp.

Tammaru, Tiit, Marcińczak, Szymon, Van Ham, Maarten, & Musterd, Sako. (eds). (2016). *Socio-economic segregation in European capital cities: East meets West.* Routledge.

Van Ham, Maarten, Tammaru, Tiit, Ubarevičienė, Rūta., & Janssen, Heleen. (eds.). (2021). *Urban socio-economic segregation and income inequality: a global perspective*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-64569-4

Zanten, A.V.; Ball, S. J. ; Darchy-Koechlin, B. (2015) *Elites, Privilege and Excellence. The National and Global Redefinition of Educational Advantage.* World Yearbook of Education 2015. London and New York: Routledge.

Wacquant, Loïc. (2023). *Bourdieu in the City: Challenging urban theory*. Wiley.

Wacquant, Loïc. (2018). Bourdieu comes to town: pertinence, principles, applications. *International Journal of Urban and Regional Research, 42*(1), 90-105.

Wacquant, Loïc. (2013). Poder simbólico e fabricação de grupos. Como Bourdieu reformula a questão das classes. *Novos Estudos Cebrap*, (96), 87-103. https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200007

Wacquant, Loïc. (2004) Que é gueto? construindo um conceito sociológico. *Revista Sociologia e Política*, (23), 155-164. https://doi.org/10.1590/S0104-44782004000200014

Wacquant, Loïc. (2001). *Os condenados da cidade. Estudo sobre marginalidade avançada*. Revan.

Windle, Joel, & Nogueira, Maria Alice. (2015). The role of internationalization in the schooling of Brazilian elites: distinctions between two class fractions. *British Journal of Sociology of Education, 36*(1), 174-192.

Zanten, Agnes van, Ball, Stephen, & Darchy-Koechlin, Brigitte. (2015). *Elites, privilege and excellence: The national and global redefinition of educational advantage.* Routledge.

Recebido: 3 abr. 2025.
Aceito: 9 jul. 2025.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0